editora buqui

um conto de
renata melo

PONTO DE VISTA

© Renata Melo 2022

Produção editorial: Vanessa Pedroso
Revisão: Editora Buqui
Imagem da capa: Taiga (Shutterstock)
Design da Capa: Nathalia B. Cecconello
Editoração: Nathalia B. Cecconello

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M486p Melo, Renata
Ponto de vista [recurso eletrônico] / Renata Melo.
1. ed. - Porto Alegre [RS] : Buqui, 2022.
recurso digital
Formato: epdf
Requisitos do sistema: adobe acrobat reader
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-8338-621-6 (recurso eletrônico)
1. Contos brasileiros. 2. Livros eletrônicos. I. Título.
22-78193 | CDD: 869.3 | CDU: 82-34(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos desta edição reservados à

Buqui Comércio de Livros Eireli.

Rua Dr Timóteo, 475 sala 102
Porto Alegre | RS | Brasil
Fone: +55 51 3508.3991
www.editorabuqui.com.br
www.facebook.com/buquistore
www.instagram.com/editorabuqui

PONTO DE VISTA

Eros caminhava em direção à sala de embarque apressado, desviando dos desconhecidos que passavam por ele e, pela primeira vez, decidido a cruzar alguns limites e se arriscar.

Seu telefone tocou.

— Eros.

— Tem certeza disso? — Jonas perguntou receoso.

Jonas era seu melhor amigo.

— Prefiro me arriscar a esperar. Minha avó insiste em seguir com essa tradição em pleno século 21. Eu a amo, ela é minha única família, mas não posso simplesmente ceder aos caprichos dela.

— E se ela lhe reconhecer? Também recebeu uma fotografia sua.

— Vou usar óculos. — Sorriu ao brincar.

— Certo, *Superman*. — Ouviu a risada do outro lado da linha.

— Providenciou tudo?

— Sim. Boa sorte.

— Obrigado, amigo.

Eros tinha descoberto onde Aruna estaria nos próximos dias. Estava curioso para conhecê-la e saber mais sobre ela. Só assim tomaria sua decisão. Amava a avó, mas se ela também o amasse, como acreditava que o amava, uma hora o perdoaria por ele não aceitar se casar. Acreditava que uma mulher moderna e independente como Aruna também não estava feliz com o enlace arranjado.

ꕥ ꕥ ꕥ

— Com licença. — Eros disse ao entrar na sala.

— Sente-se, por favor. — A moça da agência o orientou.

— Obrigado. — Sentou-se na poltrona na reservada sala no hotel.

— Desculpe fazê-lo esperar. — Aruna entrou dez minutos depois, se aproximando de Eros estendendo a mão para ele.

Segurou na mão dela e sorriu ao ver o lindo sorriso.

Os longos cabelos marrom-claros eram lisos e brilhavam refletindo a luz. Os olhos amendoados eram expressivos e marcantes. Era alta e os saltos a deixaram na mesma altura dele. O vestido indiano dourado mostrava um pouco das curvas de um corpo perfeitamente harmonizado e destacava a pele bronzeada.

Aruna se perdeu no charmoso sorriso, observando os olhos claros através dos óculos de grau. A barba bem feita destacava o lindo rosto. Surpreendeu-se por ele ser tão bonito.

— Obrigada por vir. Por favor, sente-se. — Convidou-o, sentando-se também. — Então, senhor... — Olhava para o currículo. — John Cooper.

Tentou ignorar o fato que estava usando um nome falso e ficou satisfeito por Aruna não o reconhecer, pelo menos nesse momento.

— A agência fez excelentes recomendações suas, senhor Cooper. Fala português e conhece São Paulo.

— Sim. — Sorriu.

— Não sei falar português e tenho uma agenda de compromissos na cidade pelos próximos dez dias. — Conversavam em inglês. — Preciso que me acompanhe em um ou dois eventos. — Levantou-se e se afastou, cruzando os braços, antes de continuar a falar. — Infelizmente, às vezes preciso me precaver de alguns inconvenientes. — Referia-se a alguns homens. — Tudo bem para você?

— Sim.

Voltou a olhá-lo. — Sou muito simples. — Sorriu. — O resto vamos descobrir juntos. Sua reserva no hotel já foi providenciada. Saímos em 20 minutos. — Disse deixando a sala.

Eros afrouxou o nó da gravata italiana para respirar melhor. Não sabia explicar a própria reação, talvez, porque era a sua pretendente. Uma jovem indiana com um brilho próprio e um sorriso marcante. Um resumo do que conseguiu capturar nos primeiros dez minutos que passaram juntos.

Abriu a porta do carro para ela. Aruna segurava uma pequena mala de mão e falava ao telefone.

— Podemos falar sobre isso outra hora? — Perguntou a avó.

Eros a observava pelo retrovisor.

Aruna conversava em hindi e achava que Eros não a entenderia, mas apesar dos traços dele serem mais parecidos com a família do pai, que era canadense, comparado às características da mãe e da avó materna de nobre origem indiana, ele falava hindi, e foi criado pela avó na cultura hindu.

— O que adianta ver a foto dele? Não vai mudar nada. Ele ser bonito não fala sobre ele. — Ficou em silêncio, ouvindo. — Não... — Fez uma pausa. — Ainda estou pensando sobre isso... Preciso desligar. Também estou com saudades. Um beijo. — Suspirou.

Viu o olhar dele através do retrovisor, mas se concentrou na leitura no *tablet*, enquanto se deslocavam até a festa.

Abriu a porta para ela.

— Obrigada. Não pretendo demorar.

Eros a observou se distanciar, segurando uma pequena bolsa em uma das mãos, os cabelos ao vento, e com a outra mão segurava o vestido para caminhar em segurança.

O telefone dele tocou. Entrou no carro para atender a ligação do amigo. O carro estava impregnado pelo delicioso perfume e Eros fechou os olhos sentindo a deliciosa fragrância.

— Alô.

— Então? — Jonas estava curioso.

Eros sorriu. — Tudo bem.

— Ela é linda como na fotografia?

— Ela é muito mais.

— Sortudo! — Jonas comentou empolgado.

— Presenciei uma ligação dela se recusando ver a foto de um homem, provavelmente, a minha. Por isso que não me reconheceu. — Concluiu. — Ela não estava feliz... — Recordou. — Deve ser difícil para ela também essa situação.

— Conta logo para ela quem você é. Seja sincero.

— Sei que é o certo a fazer, mas quero ter mais tempo com ela... Sem expectativas... Ela é diferente do que eu imaginava.

— Diferente como?

— É diferente, não sei explicar...

Jonas percebeu a empolgação dele. — Isso é bom! Não perca a chance de ser sincero. Pode se arrepender depois.

— Preciso de mais tempo...

— Boa sorte. Falamos depois.

— Até. — Desligaram.

Eros fechou os olhos se concentrando na fragrância que tinha se espalhado no interior do carro e, meia-hora depois, a viu saindo na entrada principal. Desceu do carro para abrir a porta para ela.

— Obrigada.

— Para o hotel?

— Para o Mercadão. — Sorriu.

— Certo. — Disse dando a partida no motor, deixando o local.

Aruna abriu a bolsa sobre o banco e pegou a calça jeans a vestindo por baixo do vestido.

— Melhor não olhar. — Posicionou o corpo meio de lado e retirou o vestido por cima da cabeça, deixando à mostra o sutiã.

Eros desviou o olhar.

Vestiu a camiseta branca, trocou os saltos por um tênis, colocou um casaco vermelho e se moveu para o banco da frente, sentando-se ao lado dele.

Sorriu para ela.

— Roupas e sapatos mais confortáveis. — Comentou, sorrindo.

O telefone dela tocou. Aruna ficou séria ao identificar a chamada. Atendeu no viva-voz, despreocupada porque ele não entenderia o idioma.

Já imaginava qual era o assunto.

— Oi, Maya. Tudo bem?

Maya era sua irmã mais velha.

— Nossa avó está preocupada se você está triste. Por que se recusa a ver a fotografia do seu pretendente? Não está curiosa? Todos os casamentos na nossa família foram bem-sucedidos, o seu não será diferente. Está pensando em desistir?

— Sei que acreditam, verdadeiramente, que estão fazendo o melhor para mim, mas preciso de um pouco mais de tempo.

— Quando chegará? Temos muito a preparar. O casamento já é no próximo mês.

— Do Brasil vou para a Índia.

— Após o casamento, será importante desacelerar por um tempo no seu trabalho para se dedicar ao seu matrimônio.

— Estou em deslocamento, falamos depois, pode ser?

— Aruna... Sabia que seria um grande erro a deixarem estudar no exterior, afastando-a da nossa cultura... — Maya suspirou.

— Um beijo. — Desligou, olhando através do vidro da janela. Sabia que Eros a observava.

— Tudo bem? — Desejou que ela lhe contasse sobre o assunto da ligação.

— Sim. Obrigada.

— Vamos precisar caminhar até o mercado. — O acesso até o local estava bloqueado por uma obra.

— Conhece a história desse lugar? — Perguntou ao descer do carro.

— Um pouco. — Fez uma rápida pesquisa na internet e mostrou a ela a tela do *smartphone* com um texto.

Aruna riu.

Enquanto caminhavam, ele compartilhava com ela as informações.

— Mercado Municipal Paulistano. Um importante prédio histórico e arquitetônico da cidade. Hoje se destaca como polo cultural e turístico. Foi restaurado em 2004 incluindo o mezanino para os restaurantes.

— Inaugurado quando? — Estava concentrada nas informações.

— Em 1933. Curiosidade: o mesmo engenheiro que o projetou foi responsável também pelo Teatro e a Pinacoteca. Tem 290 boxes, mais ou menos 1.500 funcionários e movimenta cerca de 350 toneladas.

Começou a chover. Eram pingos grossos e intensos. Eros segurou na mão dela e correram para alcançar a entrada do mercado, mas desistiu, a puxando para se abrigarem um pouco antes. Estavam bastante molhados.

— O que foi isso? — Aruna sorria por ter sido completamente surpreendida. Tirava o excesso de água do rosto e cabelo.

A blusa branca ficou colada ao corpo, a respiração ofegante destacava o sensual busto e Eros observou algumas gotas d'água escorrer na pele bronzeada percorrendo o caminho até os seios.

Acompanhou o olhar dele e depois seus olhos se encontraram. O pequeno abrigo os deixou bem próximos.

— Podemos esperar parar de chover ou arriscarmos mais uma corrida... — Tentou ignorar o fato de que praticamente não existia espaço entre eles.

— Melhor corrermos. — Decidiu, sentindo que precisava se afastar dele.

Eros segurou na mão dela outra vez e correram, dessa vez alcançando o mercado.

— Como é possível? — Ria por estar toda molhada.

— Chuva de verão. Chega sem avisar, é intensa, mas também passa rápido. — Comentou soltando a mão dela. — Por aqui. — Caminhou ao lado dela os guiando até o boxe que ela queria conhecer.

Quando se sentaram, já com a refeição, Eros continuou olhando para ela, admirado, e Aruna estava curiosa para saber o que ele estava pensando.

— O quê? — Segurava o sanduiche e a cerveja gelada.

— Me desculpe. — Não tinha conseguido disfarçar.

— Me fala. — Encorajou-o. — Está surpreso?

— Sim.

— Por quê?

— Quando a conheci no hotel, vestida para ir a uma festa, nunca imaginaria que o destino seguinte seria uma simples refeição no mercado.

— Com banho de chuva. Não se esqueça! — Brincou, trazendo leveza ao momento.

Riram.

— Com banho de chuva. — Repetiu, pensando que ela estava linda exatamente como estava agora.

— Eu te disse que sou simples.

— Disse.

Eros seguiu lendo sobre a história do mercado até terminarem de comer e Aruna o ouvia atenta, observando cada expressão dele.

— Obrigada por me acompanhar. Me diverti muito, mas agora precisamos ir. Tenho uma reunião. — Olhou as horas no relógio.

Ainda chovia.

— Encontro com a senhorita na entrada principal. — Disse, se afastando.

Eros retornou com um guarda-chuva para ela.

— E você?

— Não preciso.

— Imagina. Podemos compartilhar. — Recusou-se a usar o guarda-chuva sozinha, dividindo com ele.

Aruna nunca tinha se permitido dar espaço a alguém como aconteceu com ele, e estava surpresa consigo mesma.

Ela sentou-se no banco da frente.

— Posso? — Eros apontou para o som.

— Sim. — Sorriu.

Ele ligou o som e seguiram ouvindo a melodia e a letra da música, observando a paisagem da cidade mudar diante dos olhos.

Eu vejo poesia em seus olhos
Você é a razão pela qual rimamos
E oh, nossa, nossa, nossa
É um grande, grande, grande mundo lá fora
Estive procurando por algo

Eu finalmente encontrei aqui
O amor é silencioso
Você sabe logo, logo
Logo quando ele aparece
Eu vejo poesia, yeah
O amor é silencioso
Há algo sobre a primeira vez, a primeira vez
A primeira vez em que ele aparece

Poetry, Wrabel

— Obrigada pelo dia, senhor Cooper. — Sorriu, charmosamente, concluindo que a tarde com ele a fez esquecer, por algumas horas, os problemas.

— Bom descanso. — Despediu-se.

Depois que ela se foi, Eros colocou a mão sobre o peito, consciente de que Aruna mexeu com ele e decidiu falar com a avó para se aconselhar.

ꕥ ꕥ ꕥ

— Bom dia, senhor Cooper. — Disse ao entrar, sentando-se no banco da frente, ao lado dele.

— Bom dia, senhorita. Um lindo dia de sol.

Aruna sorriu ao recordar-se da chuva do dia anterior.

Eros revisou, antecipadamente, a programação que recebeu e pesquisou o melhor percurso para cada trecho.

Aruna se deslocou de um local para outro comparecendo a distintas agendas de reuniões. Entre os deslocamentos, ela conversava com a equipe no viva-voz e Eros pode acompanhar a intensa rotina daquele dia, frustrado por mal ter tido a oportunidade de conversarem.

— Que tal uma pausa? — Propôs para ela. O dia estava lindo. — Gostaria de levá-la para conhecer um dos lugares mais incríveis de São Paulo. Estamos próximos e terá tempo até a próxima agenda.

Tinha conseguido a atenção dela.

— Um lugar incrível pode ser o que estou precisando. — Sorriu.

Eros a levou ao prédio do Centro Cultural.

— Confesso que mais um prédio não era o que eu estava idealizando como um lugar incrível. — Disse assim que entraram no elevador.

Ele riu. — Entendo.

Aruna se surpreendeu com o jardim suspenso no alto do prédio. Uma área onde as pessoas estavam pegando sol, lendo livros. Era silencioso, sossegado e o jardim era aconchegante.

— Como é possível? — Disse admirada.

Deitaram-se em cadeiras de praia, admirando a vista panorâmica.

— Um momento para descansar da correria do dia.

— Obrigada por me trazer. Amei conhecer esse lugar. — Sentiu um quentinho no coração pelo gesto atencioso dele.

— Dá para ver o quanto ama o que faz e que está com uma programação intensa para cumprir em poucos dias, mas se concordar, posso fazer alguns ajustes e encaixar alguns lugares que valem a pena conhecer.

— Como esse?

— Sim. Como esse.

— Você é impressionante, senhor Cooper.

— O que faz para se divertir?

— Eu... eu... — Nada vinha à cabeça. — Confesso que após a faculdade, venho dedicando todo o meu tempo à minha empresa. E, agora, talvez, tenha sido em vão. — Suspirou.

— Por quê?

— Não quero estragar o momento. — Forçou um sorriso, desconversando.

— Talvez, falar com um desconhecido possa ajudar aliviar o coração. — Incentivou-a, torcendo que ela falasse com ele.

— Pode parecer estranho para você o que vou dizer, mas, em pleno século 21, minha família ainda mantém a tradição de escolher os pretendentes para casarmos e eu sou a próxima.

Eros a olhava, refletindo que, talvez, fosse o momento para confessar a ela, mas Aruna estava tão sensível ao tema, então julgou ainda não ser a hora certa.

— Acha que seu futuro marido pode pedir para que desista da empresa?

— Não sei. — Desviou o olhar. — A um mês do casamento, ainda não o conheço.

— Ele não mudará absolutamente nada em você. — Afirmou, sem pensar, se esquecendo que pareceria estranho.

— Por que diz isso? — Estranhou a afirmação dele. — Não tem como saber.

— Porque... — Fez uma pausa, pensando no que diria a seguir. — Porque você é perfeita do seu jeito.

Ficou desconcertada com a declaração. — Você mal me conhece, mas agradeço por me trazer até aqui. — Ignorou o que tinha acabado de ouvir. — Precisamos voltar.

Aruna se levantou, reflexiva, a reunião não estava seguindo o rumo que ela esperava. Estava sentada naquela sala a manhã toda sem um consenso. Aproximou-se da enorme janela buscando algo para se distrair naqueles poucos minutos de intervalo.

Eros saiu na calçada, estava sem o paletó, as mangas da camisa dobradas e os primeiros botões abertos. Observou-o concentrado em seus pensamentos, sentindo o sol aquecer sua pele, quando uma bola de futebol chegou aos seus pés. Duas crianças se aproximaram sorridentes e Eros retribuiu com um sorriso leve e sincero. Ele se agachou, o permitindo ficar na altura das crianças e as olhar de igual. Logo se conectaram. Eros colocou a menina em suas costas e correu com a bola driblando o garotinho. Eles se divertiam.

Aruna se pegou sorrindo enquanto os observava, envolvida, desejando estar do lado de fora com eles. Pensou que era mais sobre momentos simples como este que queria compartilhar quando tivesse a própria família, e decidiu que não poderia ceder o direito e a responsabilidade das escolhas para sua vida a seus avós.

Era final de tarde. Aruna tinha concluído a agenda com os investidores e passava a mão no pescoço, cansada.

— Estava pensando em voltar ao hotel. Tudo bem? — Sabia que ele queria levá-la para conhecer outro lugar.

— Tem certeza? — Tinha se esforçado para conseguir o local exclusivo para eles.

Reconhecia a gentileza e a atenção dele com ela, embora não tivesse a menor ideia do porquê estava permitindo tal aproximação.

— Espero que seja realmente um lugar incrível, senhor Cooper.

Sorriu ao ouvi-la.

Dirigiu até o centro, até o Sesc 24 de maio.

— Outro prédio?

— Que tal um voto de confiança?

— Exatamente por isso que estou aqui.

Subiram até o topo, acessando o ambiente externo e Aruna se viu diante de uma piscina semiolímpica no topo do prédio que oferecia uma vista panorâmica da cidade. O pôr do sol, naquele momento, coloria o céu.

— Então... O que achou?

— Estou sem palavras. — Observava a vista, quando percebeu que estavam a sós. — Como é possível estarmos sozinhos?

— A vista fica ainda melhor de dentro da piscina. — Desconversou. Não poderia revelar a ela que fechou o espaço exclusivo para eles.

— Está falando sério? Não... Não tem como. — Ficou sem graça.

— Pode escolher aproveitar esse momento. Não fará nada de errado. — Reforçou. — Então?

— Tudo bem... — Respondeu mesmo não tendo total certeza. — Melhor não olhar. — Esperou ele virar de costas para tirar o vestido.

Entrou na água usando apenas o conjunto de lingerie, depois se afastou, contemplando o pôr do sol, enquanto ele também entrava na água.

Virou-se para olhá-lo.

Aruna estava com o coração acelerado. Nunca se sentiu assim antes. Estava atraída por ele, admitiu.

— Eu nunca...

— Não estamos fazendo nada de errado. — Interrompeu-a, reforçando. — Estamos aqui para aproveitar a vista.

Aruna e Eros contemplaram o pôr do sol até o céu ficar estrelado. Foi silencioso, calmo e relaxante.

— Valeu a pena? — Queria mesmo era saber como ela estava se sentindo.

— Sim.

— Quer boiar para ver as estrelas? Vem, eu te ajudo. — Aproximou-se, não dando chance a ela de recusar.

Aruna flutuou facilmente com a ajuda dele. Eros a olhava, o corpo dela era lindo, e, a cada dia, estava mais difícil se manter distante.

— Eu amei. — Sorriu para ele. Estavam bem próximos.

— Que bom.

— Amanhã é meu último dia... — Fez uma pausa, pensando no que queria dizer. — Obrigada por deixar meus dias mais leves. Foi muito bom te conhecer. — Ele é lindo, pensou olhando para o peitoral definido, para a definição do rosto, o sorriso, a barba, os olhos claros. Queria que as circunstâncias da vida dela fossem diferentes. Quando estava ao lado dele sentia que podia baixar a guarda e ser ela mesma.

— É especial, senhorita Aruna. Nunca deixe ninguém dizer o contrário. Você despertou o melhor de mim. — Foi sincero, feliz por ela ser "a escolhida".

Emocionou-se por saber que se despediria dele amanhã.

Estava no *hall* de entrada esperando por ela. Nunca tinha desejado tanto que os dias tivessem mais horas ou que as horas passassem mais lentamente. Os dez dias mais curtos da sua vida, concluiu.

Aruna usava um longo vestido cheio de pedrarias e Eros estava curioso para saber se ela tinha consciência do próprio poder de sedução.

Dessa vez, a acompanharia ao evento. O último evento dela. Quando viu o convite ficou com receio de ser reconhecido por algum convidado.

— Senhorita Aruna! — Um elegante homem com cabelos grisalhos se aproximou deles. — Bem-vinda! — Sorriu.

— Senhor Braga, obrigada pelo convite. Este é o senhor Cooper. — Apresentou-os.

Eros apertou a mão dele.

— Senhorita Aruna, quero apresentá-la aos meus sócios. Ficaram impressionados com o projeto.

Aruna olhou para Eros.

— Fiquem à vontade. — Eros sorriu, os observando se distanciarem.

— Eros Vati?

Eros se virou.

— Eros! — Abraçou-o.

— Humberto! — Sorriu saudoso. — Quanto tempo!

Conheceram-se na faculdade.

— O que está fazendo no Brasil? Nunca imaginei que o encontraria aqui.

— Uma longa história, mas me conta sobre você. — Desconversou, satisfeito por estar distante de Aruna.

— Eu voltei faz cinco anos, me casei e tenho uma filha. — Pegou o celular mostrando uma foto da família.

— Linda família!

— E você?

— Logo vou seguir o mesmo caminho. — Pensou em Aruna e foi a primeira vez que falou, espontaneamente, sobre casamento como algo especial para si.

— Com a pessoa certa é maravilhoso.

— Bom te ver!

— Bom te ver!

Despediram-se. Então, Eros a viu observando de longe.

Caminhou até ela, lentamente, pensando no que diria caso perguntasse. De qualquer forma, já tinha planejado revelar a verdade sobre quem ele era ao final da noite.

— Tudo bem? — Queria convidá-la para dançar.

— Sim. — Olhava-o, curiosa. Sabia que a cena que presenciou era no mínimo inusitada considerando o público de convidados.

— Dançaria comigo, senhorita? — Perguntou assim que a música começou. Estavam próximos da pista de dança.

Olhou para a mão dele estendida em sua direção, esperando por uma resposta, e a segurou.

Aproximaram-se, moviam-se lentamente. Eros sentia o delicioso perfume e o coração acelerou por estar com ela em seus braços.

Aruna também estava com o coração acelerado, concluindo que era tão natural se sentir à vontade ao lado dele.

— Sua família mora no Brasil? — Não conseguiu resistir a curiosidade.

— Na verdade, estou de passagem. Moro no Canadá. Meus pais morreram quando eu era criança, sou somente eu e minha avó materna.

— Sinto muito.

— Nunca me faltou amor, mas ela é mandona. — Disse de forma afetuosa ao se referir a avó, enquanto dançavam. — Daquelas que planeja a sua vida. — Olhou para Aruna, referindo-se a eles.

— O que veio fazer no Brasil? — Sentiu uma sensação estranha.

— Uma dança não seria o suficiente para te contar sobre isso, mas eu quero. — Olhava-a, desejando beijá-la e não a soltar dos seus braços nunca mais.

A música parou e eles ficaram ali se olhando por mais alguns segundos antes de se afastarem.

— Um lindo casal! — A senhora que também deixava a pista de dança com o marido comentou ao passar por eles.

— Nós? — Aruna ruborizou, envergonhada. — Nós... Não somos um casal. — Complementou.

— Obrigado. — Eros agradeceu a senhora e olhou para Aruna.

— Bom... Acho que podemos ir.

— Certo. — Percebeu que ela estava incomodada, talvez pela dança, o comentário ou a cena que ela presenciou com Humberto. Não dava para ter certeza, mas logo saberia.

ꕥ ꕥ ꕥ

Aruna parou de caminhar, cruzando os braços, recordando algumas informações como se estivesse desvendando um mistério.

> *"Ele mora no Canadá... Perdeu os pais quando era criança e foi criado pela avó materna."*

> *"... Estou só de passagem. Moro no Canadá."*

"... Ela é mandona. Daquelas que planeja a sua vida."

"— O que veio fazer no Brasil?
— Uma dança não seria o suficiente para te contar sobre isso, mas eu quero."

E se for ele? Não pode ser! Aruna pensou sentindo a adrenalina tomar conta do corpo.

Eros parou virando-se para a olhar.

— Tudo bem?

— Tem algo para me falar? — Perguntou em hindi. O coração estava dividido. Sabia que estava sentindo algo por ele, queria que fosse ele, mas, ao mesmo tempo, estaria decepcionada por ter sido enganada.

Eros deu um passo em direção a ela e Aruna deu um passo para trás.

— Eu queria a conhecer sem expectativas e constrangimentos... — Respondeu em hindi.

Passou por ele, entrando no carro, sentando-se no banco de trás, trêmula.

Eros colocou as mãos nos bolsos das calças e olhou para o céu por alguns segundos, se lamentando, antes de ir até ela.

Olhava-a pelo retrovisor.

— Precisamos conversar.

Aruna não respondeu e tinha uma expressão desconhecida no olhar.

Sabia que se entrasse no hotel poderia não ter outra chance de se explicar. Então, desistiu de parar.

— O que você está fazendo? — Protestou quando o viu dar a volta, não parando no hotel.

— Uma chance de me explicar. Só isso que peço. — Continuou olhando para ela através do retrovisor. — Vou respeitar totalmente sua decisão.

Acalmou-se ao ouvi-lo dizer que respeitaria sua decisão.

— Para onde está me levando? — Perguntou ao vê-lo pegar a estrada.

— Uma chance. — Reforçou.

Aruna encostou a cabeça no banco e fechou os olhos, recordando cada momento que passaram juntos desde quando se conheceram e sabia, no fundo do seu coração, que se pudesse escolher, seria ele quem ela escolheria.

"— Ele não mudará absolutamente nada em você.
— Afirmou.
— Por que diz isso? — Estranhou a afirmação dele. — Não tem como saber.
— Porque... — Fez uma pausa. — Porque você é perfeita do seu jeito."

Eros abriu a porta para ela descer. Estavam no iate clube.

— Senhor e senhora Vati, sejam bem-vindos! — Uma jovem os aguardava. — O manobrista guardará o carro.

O coração dela acelerou ao ouvir "senhora Vati".

— Obrigado.

— Por aqui, por favor. — A jovem sorriu, conduzindo-os pelo caminho.

Evitou olhá-lo, caminhando em silêncio ao lado dele. Ele tinha tirado os óculos de grau.

Ajudou-a a entrar no veleiro e logo estavam a sós.

— Esse veleiro não me impressiona, senhor Cooper, quer dizer senhor Vati... — Disse assim que ficaram a sós, mas estava mentindo.

— Eu sei. — Tirava o paletó e a gravata, em seguida abriu os dois primeiros botões da camisa e dobrou as mangas.

Aruna engoliu a pouca saliva que tinha na boca, observando através da fina camisa branca, relembrando o dia da piscina.

— Por que me trouxe até aqui?

— Porque queria que visse com o que eu trabalho. Eu construo veleiros. Esse é um dos meus. O proprietário é meu amigo.

Olhava em volta, observando os detalhes da sofisticada embarcação. Estavam no lado externo, mas através das janelas de vidro conseguiu observar o luxuoso ambiente interno.

— Eu amo o mar. Amo velejar e amo construir veleiros. — Eros estava de frente para ela, com as mãos nos bolsos das calças. Os cabelos ao vento como os dela. — Como você, eu não queria esse casamento.

A conjugação verbal "queria" não passou despercebida para ela. Aruna cruzou os braços, mas não desviou o olhar do dele.

— Queria conhecer você, sem expectativas, sem pressão... Meu melhor amigo me ajudou com a agência e me fez chegar até você. — Fez uma pausa. — Eu imaginava que, como motorista, apenas teria a chance de te observar de longe, mas você... — Desviou o olhar.

— Eu o quê? — Estava com raiva.

Voltou a olhar para ela. — É generosa e eu pude estar mais próximo do que imaginava e não quis arriscar os dias que passamos juntos... — Viu ela enxugar as lágrimas do rosto. — Acha que teria sido tão leve, simples e despretensioso se soubesse quem eu era?

— Não. — Admitiu. — Provavelmente eu o manteria distante para me proteger, mas não lhe dá o direito... — Desistiu de falar.

— Quero saber tudo sobre você, Aruna. E, pela primeira vez, também quero compartilhar sobre mim. — Já estava diante dela. — Nunca me senti tão atraído por uma mulher até você...

— Então você me avaliou e me aprovou...

Deu um passo para trás, se desequilibrando, mas Eros a segurou em seus abraços e não a soltou. A respiração dela estava ofegante, o coração nunca tinha batido tão forte como agora.

Os lábios deles estavam bem próximos para se beijarem, mas Eros se afastou e Aruna mordeu o lábio inferior, frustrada por não ter sido beijada. Sentiu-se uma fraude pela incoerência.

— Mas se não quiser seguir em frente, vou compreender e assumirei para as nossas famílias a decisão de desistir do casamento.

— Acha que não sou capaz de tomar minhas próprias decisões e arcar com as consequências?

— Sabe que não foi isso que quis dizer... — Deu um passo em direção a ela e dessa vez Aruna não se afastou.

Fechou os olhos, sentindo-o bem próximo ao seu corpo, decidida a provar do desejo que a impedia de se afastar.

Ousou colocar as mãos ao redor da cintura dela. — Você é tão cheirosa. — Aproximou o rosto passando o nariz pelo seu pescoço. — Você é tão linda. — Beijou o rosto de Aruna. — Quero tanto te beijar. — Olhavam-se, e ela tomou a iniciativa.

Um beijo cheio de desejo, de aconchego, mas que não desfez as dúvidas dela, mesmo confirmando que sentia algo por ele.

Permaneceram abraçados por alguns segundos, sentindo a presença do outro. Aruna lidando com seu coração após o beijar, enquanto, racionalmente, se sentia traída e Eros orando para que ela o perdoasse.

— Não me julgue... por favor.

Lutava internamente com o desejo de continuar nos braços dele.

— Você foi incrível. — Finalmente falou em voz alta, com o gosto dos lábios dele em sua boca. Afastou-se. — O que pensou, senhor Vati?! Dez dias?! Quando pretendia me contar?

— Hoje, após a festa. Traria você até aqui e revelaria tudo.

— Mas eu descobri antes... O que esperava? Que eu lhe agradeceria pelo que fez? Deve me achar uma boba. Confiei em você para falar algo tão íntimo e pessoal sobre como estava me sentindo em relação a esse casamento, minhas dúvidas e incertezas... E você me ouviu e não falou nada. Podia ter colocado um fim na minha agonia há dias. Não vai ser com um "lugar incrível" que irá consertar isso. — Enxugava as lágrimas do rosto. — Estou me sentindo exposta, manipulada, subestimada. Não consigo imaginar um relacionamento começando com uma mentira.

— Sei que fui egoísta, que errei, mas minha intenção nunca foi fazer você se sentir dessa forma. — Caminhou, parando diante dela. — Está mesmo se sentindo assim?

— Quero voltar para o hotel.

Eros sentou-se, deixando transparecer a tristeza. Passou as mãos no rosto e ficou olhando para o chão, frustrado. — Presumo que não queira a minha companhia. Vou providenciar um motorista para levá-la em segurança. — Pegou o celular dando um telefonema.

Alguns minutos depois, a jovem que os guiou até o veleiro retornou, quebrando o silêncio entre eles.

— Vou acompanhá-la até o carro, senhora Vati. O motorista já está a sua disposição.

Novamente o coração dela acelerou quando ouviu "senhora Vati", de alguma forma era uma sensação boa de pertencimento, concluiu.

— Espera. — Segurou na mão dela.

A jovem se afastou para dar a eles privacidade.

Eros a beijou e Aruna se entregou ao delicioso beijo outra vez.

— Me perdoa. — Disse assim que ela abriu os olhos. — Fica. — Falou bem próximo ao ouvido dela. — Vamos resolver nossa primeira briga juntos. Nunca mais vou mentir para você.

Aruna se afastou e caminhou em direção à jovem.

— Logo a encontro na recepção, obrigada.

— Como desejar, senhora Vati. — A jovem se foi.

— Não era minha intenção esconder quem eu era por tanto tempo, mas quando você nem sequer quis ver minha foto me deixou receoso. Pensei que precisava me aproximar primeiro.

Ouvia-o.

— Depois do primeiro dia que passamos juntos, na volta do mercado, eu liguei para a minha avó e contei o que eu tinha feito e onde estava. Eu estava tão eufórico e, ao mesmo tempo, com medo pela minha mentira.

— Eu quero acreditar em você, de verdade, eu quero... Cheguei a me questionar como poderia me despedir de você... Eu recusei a proposta de casamento.

Eros se surpreendeu.

— Hoje pela manhã falei com a minha avó. Você já não sabe? — Ele movimentava a cabeça, negando. — Quero ser a única responsável pelas minhas escolhas. Chega de tradições que não escolhi seguir.

— E sua família?

— Uma hora vão aceitar... — Emocionou-se. — Se não... Tudo bem. Vou ter que aprender a lidar com isso.

Eros estava com o coração partido.

— Não existe lugar incrível... É a pessoa que está ao nosso lado que torna o momento, as descobertas, as sensações, incríveis. Você me ensinou.

Ela o abraçou, despedindo-se.

— "Um até logo" é o máximo que consigo dizer agora. — Forçou um sorriso, pensando se o reencontraria.

— Se cuida. — Também forçou um sorriso escondendo o coração partido.

Então, ela se foi, sem olhar para trás, com medo de se arrepender, e Eros quase não conseguiu suportar o vazio que Aruna estava deixando em sua vida, apesar do pouco tempo.

Estava relutante em voltar a São Paulo. Existiam muitos fantasmas para exorcizar naquela cidade. Aruna tinha se tornado uma lembrança boa em seu coração. Uma história sem um final feliz e um coração partido que ainda não tinha curado. Queria procurá-la, mas os dias foram passando e, meses depois, acreditava que tinha perdido sua chance.

Aruna pensou se estaria sonhando quando o viu entrar no *hall* do hotel. Ele estava com barba, mais magro, mas era ele, o reconheceria em qualquer situação. Eros tirou os óculos escuros ao entrar e caminhou em direção à recepção. O telefone dele tocou e ele olhou as horas no relógio, sorrindo, provavelmente por algo que ouviu em sua ligação. Estava paralisada, não conseguia se mover. Chegou a se culpar por ter sido tão orgulhosa e, por mais que estivesse tentando, não conseguiu tirá-lo dos seus pensamentos.

O olhar dele a encontrou e Aruna viu o sorriso dele desaparecer do lindo rosto como se estivesse vendo um fantasma. Ela podia ouvir as batidas do próprio coração.

Guardou o telefone e caminhou até ela.

— Aruna. — Sorriu, surpreso.

Ela se perdeu naquele sorriso recordando o dia que se conheceram.

— Eros Vati. — Usava um lindo vestido.

Acompanhou o olhar dele a observando até seus olhos se reencontrarem.

— Senhora, seu carro está a sua espera.

— Obrigada. — Respondeu sem desviar o olhar dele.

Eros se aproximou e beijou o rosto dela, recordando a deliciosa fragrância. — Fica na cidade até quando? — Lidava com seus instintos mais primitivos.

— Por mais dois dias. — Olhava-o com medo de ser um livro aberto e Eros perceber o quanto era importante para ela.

Eros não sabia o que fazer: se deveria se arriscar ou apenas se despedir.

Ficou esperando ele dizer algo mais, mas ele não disse.

— Preciso ir. Até logo. — "Perdi minha chance" pensou.

— Até logo. — "Idiota" pensou observando-a se afastar, reconfortado por estarem hospedados no mesmo hotel.

Aruna tentava se concentrar nos parceiros de negócios com os quais conversava, mas seus pensamentos estavam, exclusivamente, em Eros.

— O que acha, senhorita Aruna?

— O quê? Me desculpe, peço licença por um momento. — Sorriu.

Afastou-se, caminhando em direção ao jardim, precisava organizar seus pensamentos, quando um homem se colocou à sua frente, parando-a.

— Sou Alberto Castro. — Apresentou-se estendendo a mão para ela.

— Aruna Arora. — Apertou a mão dele e forçou um sorriso.

— Eu estava curioso para conhece-la desde quando a vi chegar. — Tentou ser direto. — Percebi que não está acompanhada, então...

— Ela está acompanhada.

O coração dela acelerou ao reconhecer a voz de Eros.

Eros a segurou pela cintura e a beijou no rosto, demonstrando seu ciúme.

— Eros Vati. — Estendeu a mão para cumprimentar o homem, vendo o sorriso dele desaparecer do rosto.

— Me desculpe, senhora. Com licença. — A empolgação dele desapareceu.

Afastou-se dela.

— Por que fez isso? O que está fazendo aqui? — Estava com a respiração ofegante por ele a ter segurado e a beijado no rosto depois de meses pensando nele.

Demonstrou frustração, mas não pelo gesto dele, mas pelo arrependimento por ter sido orgulhosa e não ter aceito suas desculpas e por não saber por onde começar para falar sobre isso, apesar de estar com uma chance real diante de si.

— Não vim a São Paulo esperando reencontrar você. — Esperava que acreditasse.

Eros baixou o olhar pensando no que falar. Recordou que Aruna odiava situações como essa.

— Eu não consigo fazer isso... — Finalmente teve coragem para falar.

O coração dela acelerou mais, como se fosse possível.

— Não quero fingir que te reencontrar não foi a melhor coisa que me aconteceu em meses. Não quero fingir que, por todo esse tempo, eu não pensei em você... Meu coração ainda está partido, então, melhor arriscar e colocar um ponto final, ao invés de um "até logo".

Aruna o beijou e Eros a segurou em seus braços eliminando qualquer distância possível entre eles.

Sorriu para ele. — Que bom que não me esqueceu, porque eu também não consegui parar de pensar em você, senhor Cooper. — Sorriu ao ouvir a risada dele por chamá-lo de "senhor Cooper", ainda estava abraçada a ele e o beijou outra vez.

— Eu nunca mais vou mentir para você, meu amor. — Beijou-a.

— Eu sei. — Sorriu, sentindo os braços que a envolvia.

www.escritorarenatamelo.com.br

escritora_renata_melo

escritorarenatamelo

www.editorabuqui.com.br